

A interferência dos Estados Unidos no conflito entre Rússia e Ucrânia e as consequências para o sistema internacional

MARIANA NASCIMENTO

Ao final da Segunda Guerra Mundial (1945), após apenas dois anos, a Guerra Fria (1947 - 1991) emergiu e durou por mais de quatro décadas. Fruto da disputa ideológica entre os sistemas políticos e econômicos da época, além da corrida armamentista e do desenvolvimento de armas nucleares. A Guerra Fria, junto com as Grandes Guerras precedentes, alteraram o Sistema Internacional, que se tornou rígido, bipolar, com pouca margem para manobra e repleto de zonas de influências (NYE e WELCH, 2014).

Em 1991, após o fim da Guerra Fria, os EUA preencheram efetivamente a posição de hegemonia mundial. A sua principal e única concorrência, a antiga URSS, foi arrasada, com seus sistemas econômico, político e financeiro completamente desmantelados (NYE e WELCH, 2014). Assim, muito diferente do que muitos acreditavam, o Sistema Internacional possivelmente nunca esteve tão longe da multipolaridade. Os Estados Unidos, junto da OTAN, da União Europeia, da OCDE e de outros atores ocidentais, definiram a forma como o mundo iria funcionar. A ideia que vincula a democracia e a liberdade com o capitalismo e o liberalismo econômico passou a ser fortemente difundida por todo o globo e as instituições financeiras passaram a definir quais eram as políticas mais pertinentes ao “desenvolvimento” (CHOMSKY, 2015).

É importante fazer essa contextualização, pois com a explosão do conflito entre Rússia e Ucrânia, surgiram, na mídia ocidental, muitos comentários de que esse seria um retorno à Guerra Fria, graças ao envolvimento dos EUA no confronto. Alguns jornais brasileiros, como a CNN Brasil, por exemplo, chegaram a circular matérias sobre o conflito com o seguinte título: “Invasão acelera início da nova Guerra Fria” (SANT’ANNA, 2022). Porém, embora essa seja uma situação que remeta ao período, graças a disputa imperialista ligada às questões ideológicas, a disputa vigente difere-se bastante da guerra que se sucedeu de 1947 a 1991 (CRUZ e RUÍZ, 2022).

Os Estados Unidos no conflito Rússia x Ucrânia

Percebe-se a clara interferência dos Estados Unidos no conflito, que por meio da OTAN vem tentando expandir seu controle como uma forma de submeter os povos e países aos seus interesses (ESQUIVEL, 2022). Com o silêncio de diversos atores internacionais do ocidente acerca dessas ações expansionistas, silêncio esse que permaneceu inclusive sobre a ampliação das bases militares americanas e da OTAN em territórios limítrofes à Rússia, o desconforto e sentimento de insegurança russo inevitavelmente cresceu. Certamente este não é o único motivador da guerra, mas é de suma relevância perceber que os Estados Unidos, um dos maiores disseminadores de propaganda anti-Rússia, que condena aberta e veementemente a invasão à Ucrânia, possui também responsabilidade pelo conflito. Além disso, é possível afirmar que o envio de ajuda militar por parte dos EUA aos ucranianos tensiona ainda mais os conflitos, tanto entre Rússia e Ucrânia, quanto entre Rússia e EUA, atrapalhando o fortalecimento de recursos que realmente edifiquem a paz (ESQUIVEL, 2022).

Contudo, é muito interessante observar que em uma tentativa de expansão do poder, os EUA, agindo por meio da OTAN, acabou expondo o declive da sua hegemonia. É possível constatar ao analisar a disputa de interesses entre o Ocidente e o Oriente, por exemplo, que expõe como o apoio econômico chinês aos russos foi capaz de fortalecer a relação entre esses países e amortizar os impactos das sanções econômicas à Rússia (CRUZ e RUÍZ, 2022). Isso mostra que as ações dos EUA estão limitadas a condenações, imposição de sanções econômicas e ao apoio militar e econômico aos ucranianos, feitos que estão sendo driblados pelos russos, com apoio da China, principal concorrente dos americanos atualmente. Sendo o poder, segundo Joseph Nye Jr. e David Welch (2014), a capacidade de atingir seus próprios objetivos, afetando os outros para conseguir o que deseja, percebe-se que o poder dos EUA aparenta estar em decadência.

Ainda assim, é importante mencionar - para que a análise seja o menos enviesada possível - que a capacidade dos Estados Unidos, junto com os outros países do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), de utilizar a resolução *Uniting for Peace*, pela segunda vez desde a história da sua criação, para impor sanções a Rússia, demonstra que essa nação ainda detém um potencial de

poder significativo. Não é a segunda, nem a terceira vez que os países do CSNU não entram em consenso por terem uma das nações diretamente envolvidas no conflito, mas nem por isso a resolução foi utilizada várias vezes antes. Isso corrobora com o conceito de potencial de poder definido por Karl Deutsch (1982), que diz que se um país é capaz de aprovar 75% das suas propostas na Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU), por exemplo, enquanto o outro só é capaz de aprovar 25%, é possível inferir que tem mais poder o país que mais aprova.

Impactos no Sistema Internacional

A partir desses contextos, percebe-se que o Sistema Internacional foi fortemente estremecido nas últimas décadas (FERNANDEZ, 2022). A crise do modelo econômico neoliberal, a instabilidade social e econômica trazidas pela pandemia e a guerra, sem fim aparente, iniciada com a invasão da Rússia à Ucrânia, deixaram expostas fragilidades dos EUA, país hegemom do atual sistema. Embora a crise da hegemonia americana pudesse ser observada desde os anos 1970, atualmente ela se mostra mais nítida já que os EUA ganharam um novo competidor, que dessa vez parece que vai superá-lo.

A China conseguiu relativo êxito em lidar com a pandemia. Segundo o Banco Mundial (BM) o PIB anual chinês cresceu em 2,2% em 2020, enquanto a economia mundial recuava mais de 3%. Além disso, até hoje, segundo dados da Organização Mundial da Saúde, a China acumula, aproximadamente, cento e onze mil mortes por covid, enquanto as mortes nos EUA passam de um milhão. O número de mortes dos americanos é quase dez vezes maior que o dos chineses, mesmo possuindo uma população quatro vezes menor. Esses fatores, junto da atuação americana nos conflitos entre Rússia e Ucrânia, acrescidos dos problemas que os EUA vem enfrentando há alguns anos, como a disputa comercial com a China, apontam uma possível derrocada da hegemonia americana.

Os Estados Unidos tentam a todo custo afirmar seu papel como hegemom, e mesmo com a chegada de Biden à presidência e a expectativa de um retorno triunfal do país para a cena internacional (CRUZ e RUÍZ, 2022), as tentativas não conseguem o sucesso esperado. E com isso, fica a pergunta do que acontecerá com o Sistema Internacional nos próximos anos, será que finalmente o

multipolarismo será alcançado, um novo hegemom surgirá ou o próprio Estados Unidos conseguirá reafirmar e se consolidar novamente como potência hegemônica? Essas são perguntas importantes que muito provavelmente conduzirão diversas análises das Relações Internacionais.

Referências

DEUTSCH, K.W. Análise das relações internacionais. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

ESQUIVEL, Adolfo Pérez. Sobre causas justas, guerras injustas y construcción de paz. Estados Unidos: miradas críticas de Nuestra América: el papel de Estados Unidos y la OTAN en la guerra de Ucrania: intereses, geoestrategias y proyecciones #8/ Claudio Gallegos... [et al.]; coordinación general de Mariana Aparicio Ramírez... [et al.]. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2022. Disponível em: <https://www.clacso.org/boletin-8-estados-unidos-miradas-criticas-desde-nuestra-america/>. Acesso em: 10/05/2022.

FERNÁNDEZ, Dídimo Castillo. Guerra sin fin en la antesala de la desglobalización. Estados Unidos: miradas críticas de Nuestra América: el papel de Estados Unidos y la OTAN en la guerra de Ucrania: intereses, geoestrategias y proyecciones #8/ Claudio Gallegos... [et al.]; coordinación general de Mariana Aparicio Ramírez... [et al.]. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2022. Disponível em: <https://www.clacso.org/boletin-8-estados-unidos-miradas-criticas-desde-nuestra-america/>. Acesso em: 10/05/2022.

CRUZ, Karla Villalobos e RUIZ, Jesús Eduardo González. La guerra en Ucrania: Disputa de intereses entre Occidente y Oriente. Estados Unidos: miradas críticas de Nuestra América: el papel de Estados Unidos y la OTAN en la guerra de Ucrania: intereses, geoestrategias y proyecciones #8/ Claudio Gallegos... [et al.]; coordinación general de Mariana Aparicio Ramírez... [et al.]. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2022. Disponível em: <https://www.clacso.org/boletin-8-estados-unidos-miradas-criticas-desde-nuestra-america/>. Acesso em: 10/05/2022.

CHOMSKY, Noam. Requiem for the American Dream. Kelly Nyks [et al.]. Estados Unidos: Netflix, 2015.

NYE, Joseph S. Jr.; WELCH, David A. Understanding global conflict and cooperation: introduction to theory and history. 9th ed. Edinburgh: Pearson, 2014.

SANT'ANNA, Lourival. Invasão acelera início da nova Guerra Fria. CNN BRASIL. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/invasao-acelera-inicio-da-nova-guerra-fria/>. Acesso em: 31 mai. 2023.

THE WORLD BANK. World development indicators. Disponível em: <https://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/>. Acesso em: 10 mai. 2023.

Referências

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 10 mai. 2023.